

EDITORIAL  
CARTOGRAFIAS DO SENSÍVEL  
E TERRITORIALIDADES POSSÍVEIS

### ***A VIDA SÓ É POSSÍVEL REINVENTADA. OS***

traumas pessoais vividos por Cecília Meireles ainda na infância motivaram sua inspiração pela reinvenção da vida. Nessa citação é possível notar a força vital e transformadora dessa mulher a partir de um trecho do poema *Motivo* quando escreve: *não sou alegre nem sou triste: sou poeta* (MEIRELES, 1939). Tal marcador é um elemento bastante peculiar na biografia de Cecília e diz respeito ao seu ser e estar no mundo, em especial, quando indica algumas das camadas que envolveram sua trajetória de vida, aquilo que marcou seu corpo, o que ficou nas memórias e o que ganhou eco e foi materializado na sua obra.

Para além de Ser poeta, vale também enfatizar que Cecília, mesmo nascida na cidade do Rio de Janeiro, recebeu ao longo de sua criação uma substantiva influência portuguesa devido à convivência com sua avó materna, natural da Ilha São Miguel (em Açores, Portugal). Diante dessas singularidades, torna-se essencial compreender que a poeta soube com habilidade, sutileza e virtuosismo mesclar o tempo, o espaço e os cotidianos entre os olhares que lançou para os dois lados do Atlântico.

Entre Brasil e Portugal foram múltiplas as tonalidades de suas narrativas. Isso por si só revela o potente hibridismo cultural que se instalou em sua escrita, o que em parte demonstra que sua obra é atravessada pelos domínios da cultura brasileira e, simultaneamente, confrontada pelas heranças portuguesas, sobretudo, nos momentos em que ela optou por avançar sobre um território imaginário e utópico que criou para vivenciar as memórias da ilha açoriana que jamais conheceu. Importa destacar que a sensibilidade e os temas abordados por Cecília Meireles, associados à sua vocação de poeta, não deixam em segundo plano pontos relevantes alinhados ao debate sobre gênero, que em certa medida surge como um elemento singular na edição desta revista.

Mas o que Cecília Meireles faz aqui neste editorial? Alertamos o leitor: a presença da poeta não é gratuita e despretensiosa. Ao contrário, sua obra instiga a imaginação, reaviva a reflexão para camadas da nossa história e mais, movimenta memórias ao criar arcos discursivos, perspectivas analíticas e metáforas que proporcionam uma maior compreensão sobre a Morfologia Urbana a partir dos artigos que formam esse volume temático da Revista Paisagens Híbridas.

A proposta editorial que abre essa edição, tem como material base as contribuições para os estudos sobre a morfologia urbana tecidas a partir dos

artigos apresentados e debatidos no Fórum PNUM 2022<sup>1</sup>, realizado na cidade do Rio de Janeiro e organizado pela Rede Lusófona de Morfologia Urbana/*Portuguese-Language Network of Urban Morphology* e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ-FAU/UFRJ)<sup>2</sup>.

A perspectiva dos textos que compõem esta edição revela singularidades, especialmente, quando tratam da produção de conhecimento científico, da pesquisa, da invenção de ideias e, conseqüentemente, da construção de narrativas sobre paisagens, cartografias, ambientes e processos que cada um desses pesquisadores, sobretudo pesquisadoras, experienciou. Dito isso, consideramos que o contexto em questão se tornou um marcador relevante no conjunto dos artigos selecionados para esta edição, afinal, em sua maioria os trabalhos foram formulados por mãos femininas. São autoras de regiões distintas do Brasil que encontraram, tal qual Cecília Meireles, a escrita como possibilidade de vida, como forma de compartilhar ideias, de propor argumentações, de criar divergências e inquietações sobre o tempo e a forma do lugar onde construíram seus cotidianos.

O componente tempo, aliás, por mais que representado em pequenos detalhes narrativos não é o elemento fundamental para sua leitura desses artigos, mas sim as anedotas do cotidiano, as relações entre a paisagem e o indivíduo e ainda, como a cultura popular se manifesta no ambiente construído.

<sup>1</sup> A Coordenação Geral do evento esteve sob a responsabilidade da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Regina Tângari - PROARQ/MPPP-FAUFRJ e do Prof. Dr. Vitor Oliveira - Citta/FEUP.

<sup>2</sup> Instituições e grupos de pesquisas parceiros do fórum: o Centro de Investigação do Território, Transporte e Ambiente (Citta-FEUP), o Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território (Dinamia'CET-IUL) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Grupos de pesquisas: Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (PROARQ-FAUFRJ), Qualidade do Lugar e Paisagem (PROARQ-FAUFRJ), Ambiente Educação (PROARQ-FAUFRJ), Projeto e Representação do Ambiente (PROARQ-FAUFRJ), Paisagens Híbridas (EBA/UFRJ), Ateliê de Pesquisas da Paisagem (PPGAU/IFF) e linha de pesquisa Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo (POSURB-ARQ).

É instigante perceber como Cecília Meireles no seu tempo próprio, e os autores e as autoras reunidos/as aqui nesta edição, constroem narrativas que fomentam a imaginação, resgatam mitologias, contrastam tristezas, rememoram fragmentos de suas histórias e afagam amores que atravessaram seus dias. Em Cecília, deparamo-nos com uma escritora mergulhada em um oceano de palavras, rimas e metáforas. O caleidoscópio de muitas possibilidades interpretativas que inventou, abre espaço para a criação de diferentes dimensões e muitas formas de habitar o mundo; já os textos aqui reunidos, estão munidos da teoria e de conceitos. Eles entregam ao leitor dados e informações processadas, reflexões e respostas acerca de indagações que ocupam aqueles que estudam a complexidade e a mutação das formas urbanas. Vale ainda dizer que cada um dos artigos buscam aproximar temas emergentes que se associam às questões socioculturais, político-ambientais e artísticas no ambiente urbano.

Na observância das narrativas construídas por cada autora e autor, diante de seu recorte temático, fica evidente que cada um, ao seu modo, destacou a capacidade inventiva humana e as ações transformadoras da ordem artificial em direção ao mundo dito natural e mais, apontou como ambos ao longo do tempo manifestam forças opostas, criam tensões, forjam organicamente complementaridades que se manifestam e se materializam na cidade.

Importa ainda reforçar que esses artigos têm um arco em comum: há um esforço de compreensão das relações socioespaciais a partir da movimentação de estruturas complexas, ora interativas, ora relacionais, assim como implicações e processos que geram as formas urbanas. A base do pensamento morfológico fica evidente no raciocínio apresentado nos textos. Eles também possui imbricamentos que consideram os fenômenos que se dão a partir das características apresentadas nos tecidos urbanos e nos seus diferentes modos de articulações, considerando as historicidades, as tradições culturais, os signos e símbolos. Enquanto estrutura essencial

para a vivência e as práticas sociais, a forma urbana é também por excelência desigual e fragmentada. Ela é um palco de conflitos, luta de classes e, simultaneamente, surge como mote para a construção de imaginários urbanos, representados nos mais diferentes espaços físicos que cotidianamente são reivindicados pela sociedade.

Quais são os principais processos e atores que moldam a forma urbana ao longo do tempo? Como a cidade responde com as relações sociais em seu suporte geobiofísico? Como o capital e seus processos foram capazes de moldar a cidade que temos hoje, seja na valorização e especulação do solo urbano, seja no apagamento ou na invisibilização de narrativas e grupos marginalizados? Essas são apenas algumas das perguntas que ecoam nos artigos deste volume e que, por sua vez, revelam outras preocupações motivadas por argumentações e contra-argumentações que solicitam da comunidade científica análises críticas refinadas e vigilância epistemológica redobrada diante de um tempo tensionado por pressões de diferentes ordens ideológicas; crítica necessária para que as devolutivas à sociedade de fato alcancem seus objetivos: elucidar e nortear mudanças na forma de pensar a paisagem e o ambiente de nossas cidades.

Os diálogos que emergiram do Fórum PNUM, portanto, tiveram como desafios não apenas o enfrentamento de diferentes dilemas que atravessam as discussões sobre a forma urbana, mas também a busca por estratégias para reunir academia e sociedade civil em países de língua portuguesa a fim de fomentar o compartilhamento das experiências científicas e ganhos que pesquisas em curso vêm alcançando. Essa certamente se consolida como uma das principais provocações para as próximas reuniões científicas da rede: a reiveinção como possibilidade.

Desejamos que a leitura deste primeiro volume da Revista Paisagens Híbridas ofereça um solo fértil de possibilidades para o enfrentamento

dos desafios das formas urbanas do século XXI; que não percamos a nossa capacidade inventiva de tensionar os processos estruturadores e sistêmicos da paisagem, na inscrição de outras cartografias.

Boa leitura!

Saudações Morfológicas!

*Bruno Ragi Eis Mendonça*

*Daniel Athias Almeida*

*Lorena Maia Resende*

Rio de Janeiro, janeiro, 2023.





CÉU

10

8

9

7

5

6

4

2

3

1